A mensagem da Irmã Lúcia (e dos Pastorinhos) à luz de S. Paulo

Introdução¹

A mensagem da Irmã Lúcia é aqui assumida como o conjunto formado pelos anúncios derivados das aparições quanto a reflexão posterior que a própria vidente nos legou. Deste corpo fazem parte obviamente as circunstâncias e as visões dos Pastorinhos. Trata-se, portanto, da mensagem dirigida à Irmã Lúcia quanto a mensagem *da própria* Irmã Lúcia, confrontadas aqui com a experiência apocalíptica (também ela) de Paulo, o grande apóstolo das gentes. Nestes dois momentos importa aferir a tonalidade paulina das aparições e a marca axiológica paulina da mensagem quer das aparições quer da tradução que estas recebem na pena da vidente carmelita.

1. A figura da Imaculada

A piedade cristã ganhou o hábito de invocar Maria como mãe, como a Imaculada (a mãe sem mácula, preservada do pecado original), pois a fé

¹ Texto revisto da comunicação apresentada a 05-09-2008 no âmbito da secção de língua portuguesa do *XXII Congrès Mariologique Marial International "Les apparitions de la Bienheureuse Vierge Marie Entre Histoire, Foi et Théologie"* que decorreu em Lourdes de 4 a 8 de Setembro de 2008, e no Santuário de Fátima no dia 09 de Novembro de 2008, sendo ambos os encontros patrocinados pelo Santuário de Fátima.

ausculta o lado materno de Deus na experiência humana da indignação da salvação e da salutar filiação. Nela, Maria, a fé cristã intui a figura da Igreja, o ícone onde Deus espelha a benevolência com que desde sempre agraciou e quis agraciar a humanidade. Esta figura da Igreja é então figura da graça. A piedade mariana marca indelevelmente a vida da fé, a vida do crente e a vida das comunidades cristãs, venerantes aos pés de Maria, sobretudo nos altares da Imaculada ou do Sagrado Coração de Maria. A Senhora de Lourdes é uma outra figura ainda que a mesma, outra nomeação do mesmo mistério mariano de intercessão. Continuamos em Lourdes e em Fátima a dizer ao mundo que a nossa vida está chamada à esperança, à ausência de mácula, como pediu a Senhora aos Pastorinhos, ou como já exorta sistematicamente Paulo na parte final das suas cartas. Por isso, desde o século VIII o Oriente reza-lhe "toda santa" (*Panagia*), porque Ela "foi adornada por Deus com dons dignos de uma tão grande missão" (LG 56). Os pedidos para afastar a mácula surgem de forma mariana mais sistemática com esta linguagem no Ocidente a partir do século XII. Continuamos a pedir à Mãe que interceda para nos alcançar a graça. Por isso, a nossa oração é pia, momento de piedade.

A Igreja aconchega-se em Lourdes e em Fátima ao colo da Senhora, da mulher "mais bonita que o sol"² (cf. Ap 12,1) na qual fulge o esplendor do projecto de Deus, do divino artista que esculpe também em Maria o destino da humanidade apresentando-a como figura excelsa da Igreja. Os Pastorinhos de Fátima fazem precisamente a experiência da proximidade, e por outro da distância, afinal a mesma experiência de Paulo a caminho de Damasco e depois disso em Jerusalém na visão do Ressuscitado (cf. Act 22,17-21). A luz em que irradia a Senhora é irresistível, ao ponto de cansar fisicamente, quase de cegar³ como cegou a Paulo (cf. Act 9; 22; 26) a luz irresistível a caminho de Damasco. Essa luz é a paz para os Pastorinhos, é um desvelamento que permite a Paulo perseguir um caminho outro no sentido de o buscar. Olhando-a vemos mais do que o que olhamos. Vemos a vocação do mundo, o ícone que dá figura, logo mostra para onde caminhamos, para esse brilho. A figura mariana na Igreja é assim luminosamente a figura que configura para um fim, é uma figura escatológica. Figura a graça, dá corpo à misericórdia. Maria representa o lado materno da Igreja, diz à Igreja que no seu ser está a marca mística própria da fé. Este cunho confere-lhe a beleza. Sem ele é puro engenho humano. Rezar Maria é venerar tão grande mistério de intercessão. Ora, tal é culturalmente

pertinente. O diálogo com Deus que a Senhora cultiva e ao qual exorta os Pastorinhos leva Maria a recusar o que se rebela e é obscuro, leva a recusar o que introduz uma cisão na relação a Deus. Isso é o pecado. O mistério desta luz envolve Paulo e os Pastorinhos.

Maria está praticamente ausente nas narrativas da ressurreição, quer nos evangelhos e totalmente em Paulo. A memória mariana evangélica é uma memória sofrida (*Stabat Mater dolorosa iuxta crucem lacrimosa*) sobretudo em S. João (cf. Jo 19,25-27). A figura joanina é a figura efesina da Igreja, segundo a tradição cristã. Maria acompanha a Igreja na memória do Ressuscitado. Orar a Maria, rezar Maria, venerá-la, é escrever com os evangelistas a memória do futuro para adorarmos o Pai, o mesmo Deus cuja invocação abbática Paulo retém da tradição oral jesuânica e apostólica com o aramaico "abba" (Rom 8,15). Veneramos mariana e marialmente, adoramos trinitariamente. Gozamos com ela os mistérios da alegria, condoemo-nos nos mistérios dolorosos, alegremo-nos nos mistérios luminosos, cantamos e sorrimos com finura na meditação dos mistérios gloriosos. Revisitamos a vida, vivemos. Na letárgica invisibilidade do nosso mundo, rezar Maria senta-nos aos pés da cruz, do Cristo crucificado que Paulo não pode não anunciar (cf. 1 Cor 1,23), face ao qual muitas vezes a própria linguagem da fé, da teologia e da Igreja se pode tornar um insulto. É o Cristo crucificado nos altares dos mártires imolados ao longo do século XX tal como o "segredo" o revela na sua terceira parte⁴. Desse Cristo os discípulos não querem saber (cf. Mc 8,27-10,52), pois não dá fama, não dá votos, não traz lucro. Esse Cristo afinal é mais um dos abatidos pelo mundo e que por isso não conta. Os Pastorinhos e Paulo levantam bem alto a cruz para fazer memória do sofrimento do próprio Cristo. Cristo crucificado atravessa a mensagem à Irmã Lúcia e da Irmã Lúcia do início até à revelação da terceira parte do dito "segredo". Este é o Cristo que, nas palavras da própria vidente carmelita após a sexta aparição, continua a sofrer muito e está muito triste por causa dos pecados contra Si. Por isso, pede-lhe a Senhora: "quero-te dizer que não ofendas mais a Nosso Senhor"⁵. Praticamente com as mesmas palavras responde Jacinta ao cônego Formigão em 19-10-1917 e em 02-11 do mesmo ano: a Senhora veio "dizer que não offendam mais a Nosso Senhor, que estava muito offendido ..."⁶.

A Senhora das Dores medita o sofrimento, Maria ajuda a reparar os pecados contra o Sagrado Coração. Consagrar tempo a esta memória é fazer memória

² Esta uma expressão dos próprios Pastorinhos: cf. *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, Santuário de Fátima 1992, 89.

³ Na resposta ao interrogatório do Cônego Formigão, Lúcia refere que por vezes baixava os olhos porque "ella ás vezes cega": *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 61.

⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima. O Segredo (2000)*, Lisboa, Paulinas 2000, 2 edição, pp. 22-27; *Memórias da Irmã Lúcia (Pontevedra 1935 – Tuy 1941) I*, Fátima 2000, 214.

⁵ *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 24.170.

⁶ Cf. *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 155.266; *Memórias da Irmã Lúcia (1989-1993) II*, Santuário de Fátima 1999, 144.

do rosário de maleitas do nosso tempo. A figura ebúrnea das nossas imagens esculpe a esperança da fé. A figura reparadora de Maria espera reparar um sentido com os discípulos. Esse é o próprio trabalho do Cristo paulino na linguagem difícil do sacrifício, apresentando Jesus como o "kappôret" ("ilastêrion" LXX) de Deus, como o lugar da expiação, do propiciatório de Deus e a Deus (cf. Rom 3,22-25).

Na alvura dos seis meses das aparições na aridez da Cova da Iria acompanhamos o(s) discípulo(s) na busca da fé. As litânias medievais traduzem bem a missão discipular mariana. Como mãe Maria gera e diz sem falar. Só as mães conseguem tal proeza. Maria do sábado santo é uma mulher na plena acepção do termo. Ela representa o resto de Israel onde Saulo também se incluí em Rom 9-11. Na expectativa do Pentecostes os discípulos continuam a esperar, como Maria. Recebem a promessa da maternidade da Igreja na figura mariana da Igreja. Mas a sua maternidade não é uma romantização da mensagem de Deus e do evangelho do reino de Jesus. Maria dá corpo, corporifica a esperança. E à esperança acrescenta o amor sofrido. Só um amor memorial e condoído consegue reparar. Rezar pela intercessão dos pecadores continua a missão materna da Igreja. É salutar nestes tempos de politeísmo ético. Maria não tem nada a ver com os fariseus, que não rezam por ninguém a não ser por eles mesmos. Continuar a rezar é continuar a não desesperar, é um acto de confiança, é um acto de fé lúcida, daquela que não é nem pessimista (que pensa que o mundo actual é o melhor mundo possível e que por isso não há mais nada a fazer) nem optimista (que insensatamente esquece os limites da condição humana e já não espera mais nada), mas que é mãe, ou seja, que à esperança acrescenta o amor pelo mundo e pelos pecadores.

A 150 anos da visita de Lourdes este amor continua a regressar na intercessão daquela "Que soy era Immaculada Councepciou". As Palavras de Maria dirigidas a Santa Bernadette no dia 25 de Março de 1858 (dia da Anunciação) na gruta de Massabielle em Lourdes⁷ ressoam ainda com grande intensidade ao coração da Igreja e ao âmago do mundo contemporâneo, agora século e meio depois da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição por parte do Papa Pio IX com a Constituição Apostólica *Ineffabilis Deus* em 1854.

A exegese mais recente tem explorado e relido com maior respeito quer a literatura talmúdica quer o conjunto dos textos apócrifos. Os apócrifos sobre a Virgem apresentam ecos judaico-cristãos com as categorias judaicas da haggadah⁸. Seja como for, a glória de Maria provém da sua fé e não do seu contexto. Por isso, a fé de toda a Igreja acabou por reconhecer e aclamar como

património constante da sua fé que "a bem aventurada Virgem Maria foi, no primeiro instante da sua Conceição, por uma graça e favor singular de Deus omnipotente, em previsão dos méritos de Jesus Cristo, salvador do género humano, preservada intacta de toda a mancha do pecado original" (DS 2803). Acreditou de modo absolutamente singular, sem mácula. A esta crença, a este depósito de confiança imaculado são chamados os Pastorinhos, Paulo e as suas comunidades. No fundo volta a estar em jogo a credibilidade do acto de fé, a justificação pela fé, temática hoje completamente revista na *New Perspective* da exegese paulina depois dos trabalhos de Sanders⁹ e de Althaus¹⁰. Os Pastorinhos como Paulo também nem sempre foram cridos, nem sempre foram consideradas justas as razões apresentadas para serem creditadas as suas afirmações. Tal deve-se quer ao conteúdo quer à formulação da fé. Em ambos os registos, a situação histórica e social cataliza um factor apocalíptico no anúncio e na percepção do mistério da fé na medida em que as épocas de Paulo e dos Pastorinhos anseiam por algo novo, pelo desvelamento. Este factor apocalíptico marca de modo indelével o fim do Antigo Testamento como a ambiência da espiritualidade durante a redacção do Novo. O desvelamento de algo novo, surpreendente, encontra, todavia, frequentemente resistências muito fortes. Neste sentido e neste contexto, encontramos um tom apocalíptico como pano de fundo da teologia de Paulo. Naturalmente, este tom apocalíptico surge na conversão de Paulo e na sua linguagem, estando muito presente na linguagem catequética dos Pastorinhos. Como refere José Cristo-Rey García Paredes, é importante por conseguinte

"reler as aparições marianas não somente como fenómenos carismáticos, mas também como acontecimentos apocalípticos, que evocam o grande Apocalipse cristão. Interpretar literalmente esses fenómenos carismáticos, leva a desvirtuá-los e a converter advertências muito sérias, no que diz respeito à história humana, em reacções neurasténicas e teologias integristas e fundamentalistas"¹¹.

Além de invocar o Apocalipse cristão no seu género literário apocalíptico,

⁹ Cf. E. P. SANDERS, *Paul and Palestinian Judaism*, Philadelphia, Fortress Press 1977; IDEM, *Paul, the Law, and the Jewish People*, London 1985, 73-81 (nestas páginas, contudo, ao comentar Rom 7,7-13-14-25, Sanders não tem em conta que Paulo nunca fala de desobediência, logo estes dois grupos de versículos não poderão ser contrapostos). Para uma avaliação do contributo de Sanders ver TIMO ESKOLA, "Paul et le Judaïsme du Second Temple. La sotériologie de Paul avant et après E. P. Sanders", *RSR* 90/3 (2002) 377-398; C. EVANS – J. A. SANDERS (eds.), *Paul and the Scriptures of Israel*, [= JSNTSS 83], Sheffield 1993.

¹⁰ Cf. P. ALTHAUS, *Paulus und Luther*, Gütersloh 1951.

¹¹ JOS CRISTO-REY GARCÍA PAREDES, *O fundo teológico-apocalíptico da manifestação do coração de Maria no nosso tempo*. In *Actas do Congresso Internacional de Fátima "Fenomenologia e Teologia das Aparições (Fátima 9-12 de Outubro de 1997)"*, Santuário de Fátima 1998, 297.

⁷ Cf. RENÉ LAURENTIN, *Les Apparitions de 11 Février au 16 April 1858*, Paris 1957, 256.

⁸ Cf. MARIA-LUISA RIGATO, "I genitori' di Ges (Lc 2,27.41.43; 2,33.48; Mt 13,55; Gv 6,42) Giuseppe discendente di Davide – Maria di stirpe levitica sacerdotale", *Marianum* 173-174 (2008) 17-101.

este tom apocalíptico configura-se como o quadro geral da própria fé e da reflexão da fé a que chamamos *teologia*. Ao nível social, esta expectativa generalizada transforma-se em apocalipticismos¹². Deste contexto são devedoras as linguagens de Paulo e dos Pastorinhos.

2. Paralelismos entre Paulo e os Pastorinhos

Para além destes pontos em comum é possível estabelecer paralelismos biográficos e teológicos entre a vida de Paulo e a vida dos Pastorinhos, entre a mensagem paulina e a mensagem da Irmã Lúcia (e à Irmã Lúcia). Se do ponto de vista terminológico e teológico subsistem afinidades evidentes, elas prosseguem ao nível testemunhal e biográfico. Com efeito, a marca distintiva da relação de continuidade e de explicitação entre as ditas revelações privadas e a revelação bíblica pública geral consiste precisamente na contínua releitura da mesma profecia no "progresso da sua compreensão"¹³, na reatualização da revelação bíblica canónica geral na revelação particular. Neste sentido, constitui motivo de comparação narrativa (*synkrisis*) construída pela obra lucana, a qual inspira uma subsequente comparação com a mensagem de Fátima na pena da vidente carmelita, para que se torne mais clara a intenção do divino autor na contínua reatualização da profecia¹⁴.

Os paralelismos entre o Jesus do evangelho de Lucas e Paulo na segunda parte dos Actos são notórios como o serão a seguir nesta narrativa continuada na Mensagem de Lúcia e aos Pastorinhos. Esta comparação evidencia como Paulo ele mesmo reatualiza a profecia. Aliás, fazendo remontar retrospectivamente esta *synkrisis* ao Antigo Testamento, é possível detectar o mesmo esquema narrativo nos casos de Elias e de Eliseu. Lucas pretende mostrar como *Paulo e Jesus se tornam os últimos e definitivos intérpretes do plano de Deus, o mesmo plano que Javé conseguiu implementar com e nos profetas do monte Carmelo ao período da pecadora Jezabel*. Paulo estigmatiza a lentidão dos filhos de Israel em acreditar. Com isto quer fazer o leitor compreender que, como já mostravam os profetas, os de fora acolherão o evangelho. Lc 24 convida a meditar sobre a coerência do caminho de Jesus em relação com as

Escrituras Hebraicas, com o todo da profecia. Neste sentido, Act 28 convida a reflectir sobre a sorte dos povos e sobre os desígnios de Deus, e sobre o destino da história de Israel, emblemática da da humanidade pecadora e de cerviz dura (cf. Ex 32,9; Act 7,51). Por isso, o leitor é convidado a um longo périplo pelas Escrituras, ou seja, a uma bibliagogia. Lc 4 é assim uma prolepse de Act 28. Esta bibliagogia encontra então o mesmo esquema da actuação de Deus que já lá vem desde os tempos dos grandes profetas. Paulo surge assim narratologicamente na segunda parte dos Actos como ponto culminante de um processo longínquo mas contínuo (continuado, repetido), é o ponto de chegada de uma promessa que vem de longe, promessa e esquema da história da salvação que passa por ele e continua para além dele. Por isso, o apóstolo das nações, o apóstolo das gentes foi o escolhido como personagem principal para a última parte dos Actos. Elias e Eliseu não são uma leitura do passado, mas anunciam o que acontecerá aos filhos da Promessa, ao próprio Jesus e aos seus discípulos, bem como a todos os outros que virão a seguir ao longo dos séculos, passando pelos Pastorinhos até aos mártires da visão da terceira parte do "segredo". Servem de modelos. Linguística e teologicamente a própria Mensagem continua assim a usar conceitos e imagens da Escritura.

Tal como Paulo, a vida dos Pastorinhos é um espelho de sinceridade e de coerência reconhecida até pelos próprios inquiridores. Esse é um sinal evidente da veracidade da sua fé¹⁵. Esta veracidade em Paulo resulta da contradição em que ele mesmo se tornou. Paulo vê-se ameaçado pelas autoridades eclesíásticas e civis, mesmo teologicamente no famoso incidente de Antioquia da Síria (cf. Gal 2,11-14). Do mesmo modo os Pastorinhos. Todos recebem ameaças de morte, os Pastorinhos passam pela prisão em casa do administrador¹⁶. Paulo e os Pastorinhos são sujeitos à violência verbal até por parte dos sacerdotes¹⁷. Por sua causa tem vindo muita gente de fora¹⁸. Lúcia, como Paulo, vê e ouve o "céu" diversamente do Francisco que só via mas não ouvia¹⁹. Isto é o que acontece na primeira visão que Paulo tem do Ressuscitado quando estava em Jerusalém a rezar no templo. Todos viam, tal como acontecia à multidão com os Pastorinhos, que Paulo estava a falar com o Senhor (cf. Act 22,17-21). Paulo entrega-se para fazer a vontade do Senhor como os Pastorinhos consentem em fazer o que a Senhora lhes pede, agora e no futuro. Todos começam a

¹² Esta distinção enquanto património permanente da exegese bíblica entre o género literário do apocalipse, a apocalíptica como perspectiva teológica e o apocalipticismo enquanto ambiente social propício para tal, remonta ao seminário organizado em 1979 por JOHN JOSEPH COLLINS, "Towards the morphology of a genre", *Semeia* 14 (1979) 9.

¹³ JOSEPH CARD. RATZINGER, *Comentário teológico terceira parte do segredo*. In *Memórias da Irmã Lúcia* I, 222.

¹⁴ Seguimos aqui os estudos de JEAN-NOEL ALETTI, *Il Racconto come Teologia. Studio narrativo del terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*, Roma, Dehoniane 1996, 67 que comparam de forma superior a figura narrativa de Jesus no evangelho de Lucas com a figura narrativa de Paulo nos Actos.

¹⁵ Cf. *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 64. Esta veracidade j atestada pelo cônego Formigão em 1917: cf. *ibidem*, 187.

¹⁶ Cf. *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 380.

¹⁷ Cf. *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 64; *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, Santuário de Fátima 1999, 140.

¹⁸ Cf. *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 82.

¹⁹ Cf. *Documentação Crítica de Fátima I Interrogatórios aos Videntes – 1917*, 91; *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 127.

ser seguidos por multidões²⁰ cada vez maiores que lhes pedem sinais: Paulo realiza curas, Lúcia serve de intermediária para favores a pedir à Senhora²¹, anunciando o sinal maior do milagre do sol em Outubro. Paulo crê que o fim está próximo, como os Pastorinhos crêem estar eminente o fim da guerra. Até esse fim servirão nas provações, passando todos pela incompreensão e pela empatia com o pathos do mundo do sofrimento, na simpatia pelos pecadores e na máxima antipatia para com o mal e o pecado. Paulo sabe que o espera a recompensa dos justos tal como lhes transmitiu a herança macabaica (cf. Sl 16; 2 Mac 7) e os Pastorinhos pedem para ir para o céu para a recompensa dos justos, se bem que o Francisco ainda tenha que rezar as contas dele²². Paulo e os Pastorinhos causam dissensão entre o povo como é próprio das grandes figuras e dos videntes. Paulo e Lúcia deixam-nos vários testamentos pessoais para além do testamento comum da promessa. Paulo e os Pastorinhos ajoelham e rezam para adorar e significar que consentem que neles se cumpram os desígnios de Deus. Nem todos estavam desejosos para os escutar, mas muitos queriam submetê-los a interrogatório. Assim se compreende que Paulo e os Pastorinhos tivessem passado pela prisão, mesmo sendo sujeitos a acusações falsas²³. A resistência que todos demonstraram perante tais adversidades abonou em favor da historicidade dos factos e da veracidade da sua mensagem²⁴. Foram deste modo entregues a administradores e a procuradores. Paulo foi acompanhado por outros prisioneiros. Os Pastorinhos também não foram presos sozinhos²⁵. Perante tantas dificuldades, Paulo e os Pastorinhos são reconfortados por um anjo consolador. Os Pastorinhos celebram frequentemente a eucaristia alimentando-se do Corpo do Senhor à semelhança de Paulo com as comunidades de Antioquia e de Corinto. Todos partem de coração contrito para não comungar em vão o corpo e o sangue do Senhor como acontecia com alguns membros da cidade de Corinto (cf. 1 Cor 11,17-22). Paulo foi confundido com os curandeiros (cf. Act 28,6) e muitos viram em Lúcia uma milagreira olhando logo para os sinais exteriores sem preocupação pela sua mensagem. Diante das autoridades quase que as perguntas se repetem *ipsis verbis* na medida em que a todos é perguntado o nome e a sua proveniência. E a todos depois dos interrogatórios não são apresentadas acusações, apenas Paulo transita em julgado mas por uma questão religiosa. Em ambos os casos, o que ressalta no final do processo é a incongruência das

acusações. No final da vida, "o Francisco esteve doente alguns meses e dizia que queria ir para junto daquela Senhora"²⁶. Paulo ansiava igualmente por estar com Cristo, por partir ansiava por libertar-se deste corpo mortal "pois isso é melhor" (Flp 1,23). Os Pastorinhos exercem a partilha da merenda com os mais pobres²⁷, enquanto Paulo reparte com a comunidade mais pobre de Sião (cf. 2 Cor 9,1). Os Pastorinhos apoiam-se entre si (o Francisco e a Jacinta confortam Lúcia nas dúvidas que lhe assolam a alma)²⁸, tal como Paulo recebe conforto e companhia por parte dos seus colaboradores que até lhe trazem novas das comunidades que fundara (cf. 1 Tes 1) O amor que os Pastorinhos mostram pelos pecadores rezando e intercedendo por eles²⁹ é o mesmo que leva Paulo a sofrer pelos pecadores da comunidade amada de Corinto (cf. 1 Cor 1,10-13), fruto de uma missão sacerdotal de paternidade e de maternidade. Este é um amor crucificado pelo mundo. Daí o amor a Cristo crucificado constante na vida dos Pastorinhos, a presença constante do crucifixo³⁰ tal como na vida de Paulo. Este amor crucificado leva Paulo a dar a vida totalmente ao serviço do evangelho e das comunidades (cf. 1 Tes 2,1-9). Por seu lado, Lúcia vive também no noviciado em Tly um despojamento total³¹.

Em síntese, os amigos de Deus continuam a ser causa de celeuma e de contradição, provocam irritação, encontram dificuldades, reencontram a cruz pois anunciam essa mesma cruz. É a reactualização da profecia que a mensagem da Irmã Lúcia volta a comentar e a anunciar, e que ela própria reconhece ao ler a Mensagem de Fátima como "a revelação de Deus presente no mundo entre os homens, particularmente em cada um de nós"³². Estas vidas, a de Paulo e a dos Pastorinhos, destes combatentes, sintomaticamente conclui-se com um encontro derradeiro, como é próprio dos grandes personagens. É particularmente comovente a descrição da morte santa do Francisco com Lúcia a despedir-se num bem português e cristão a-deus (até Deus):

"Já de noite, despedi-me dele.

- Francisco, adeus! Se fores para o céu esta noite, não te esqueças lá de mim, ouviste?

- não te esqueço, não; fica descansada.

E agarrando-me a mão direita, apertou-ma com força, por um bom

²⁰ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 127.

²¹ Cf. *Memórias da Irmã Lúcia I*, 31.

²² Cf. *Memórias da Irmã Lúcia I*, 70.

²³ Cf. *Memórias da Irmã Lúcia I*, 30.

²⁴ Cf. *Memórias da Irmã Lúcia I*, 24.

²⁵ Cf. *Memórias da Irmã Lúcia I*, 120.

²⁶ IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, Carmelo de Coimbra, Secretariado dos Pastorinhos 2006, 25.

²⁷ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 127.

²⁸ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 128.

²⁹ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 134.

³⁰ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 128.

³¹ Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 165.

³² Cf. *Documentação Crítica de Fátima II – Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*, 130.

bocado, olhando para mim com as lágrimas nos olhos.

- queres mais alguma coisa? – lhe perguntei, com as lágrimas a correr-me também já pelas faces.

- Não – me respondeu com voz sumida.

Como a cena se estava a tornar demasiado comovedora, minha tia mandou-me sair do quarto.

- Então adeus, Francisco! Até ao Céu!

- Adeus, até ao Céu!...

E o Céu aproximava-se. Para lá voou no dia seguinte (4 de Abril de 1919), nos braços da Mãe celeste. A saudade não se descreve; é um espinho triste a pungir o coração pelos anos além! É a lembrança do passado ecoando sempre na eternidade.

Era de noite ... e eu, plácida, sonhava
Que em tão festivo, suspirado dia,
Celestial enlace, em grã porfia,
Entre nós com os anjos se agitava!

Que áurea coroa – ninguém ideava
Das florinhas que a terra produzia!
Que igualasse a que o Céu lhe oferecia
No angélico primor que a saudade deixava!

De lábios maternos ... gozo, sorriso!
No celeste paraíso ... vive em Deus!
D'amor encantado, de gozos sob'ranos!
Passou estes anos ... tão breves ... adeus!!!³³

A mesma saudade, a mesma ternura, a mesma humanidade encontramos na cena pungente da despedida de Paulo a Timóteo (cf. 2 Tim 3,10-4,22), seu companheiro e fiel amigo que não o abandonou ao contrário de muitos outros. Os Pastorinhos terminam como Timóteo e Paulo: sozinhos, entregues a si mesmos e com uma missão cujo alcance em absoluto só os próprios conhecem – a do anúncio da saudade, o desejo do reencontro que têm um do outro, mas sobretudo com a missão do anúncio da saudade que o homem tem de Deus e que Deus tem da humanidade pecadora, “como nos amava e queria ser amado”³⁴. Continua a suceder com eles o que já tinha sucedido com Elias e Eliseu a caminho do Jordão. Na hora da despedida o **segundo** grita já com

saudade pelo primeiro, ficando com a capa – sinal de investidura na mesma missão (cf. 2 Re 2,12). Se bem que as exortações de Paulo sejam muitas mais, no final da vida também é deixada a Timóteo a missão da saudade de Deus (“combati o bom combate, percorri o meu caminho, guardei a fé”: 4,7). Timóteo partilhou com Paulo como Lúcia com Francisco e Jacinta “o ensinamento, a conduta, o plano, a paciência, o amor, a perseverança nas perseguições e nos padecimentos” (3,10-11).

Por todas estas características, será possível (porque legítimo) afirmar que quer Paulo quer os Pastorinhos nascem de Deus, salvas as devidas diferenças quanto a Saulo. Assim, Paulo e os Pastorinhos são envolvidos pela Luz, por uma luz. Para todos o encontro com esta luz representa um aprofundamento do que já vinham a viver. O próprio Paulo não podia mudar radicalmente face a Saulo, pois nessa condição existiria então uma contradição entre o Deus do Antigo e o Deus do Novo Testamento. Por isso, a revisão de vida de Saulo até chegar a Paulo foi lenta, demorou pelo menos dezassete anos entre Damasco e Antioquia (de onde partirá sempre para as suas viagens missionárias). Trata-se de nascimentos que vão fazendo nascer. Os próprios Pastorinhos, já baptizados ao contrário de Saulo, vão agora renascer muito mais profunda e densamente para o mistério de Deus, eles que já tinham vindo a ser introduzidos na adoração e compreensão muito simples que lhes proporcionavam a comunidade crente onde nasceram bem como todo o corpo catequético da época e da respectiva piedade popular. Paulo e os Pastorinhos nascem de Deus e para Deus na oração, onde são frequentemente encontrados, e quer um quer outros agradecem constantemente a Deus a graça que receberam. A novidade da vocação de Paulo está no uso de cháris: “Deus chamou-me pela sua graça ...” (Gal 1,11-15). É na oração que Paulo testemunha isto mesmo: “Olha, está em oração” (Act 9,11)³⁵. Quando o Senhor pede a Ananias que se encontre com o recém-chegado à fé (ainda) Saulo, encontra-o a orar, postura em que não se cansa de insistir a vidente carmelita.

3. Uma leitura paulina da Mensagem

Na carta pastoral de 13-10-1930 que reconhece crédito às aparições na Cova da Iria, D. José Alves Correia da Silva dá o mote interpretativo da mensagem de Fátima citando 1 Cor 1,26-31 (“... aquilo que é a loucura de Deus é mais sábio do que os homens e aquilo que é a fraqueza de Deus é mais poderoso do que os homens ... Deus escolheu a loucura do mundo ... Deus escolheu a fraqueza do mundo”). Tal como seria inesperado que Saulo

³³ *Memórias da Irmã Lúcia I*, 151-152.

³⁴ *Memórias da Irmã Lúcia I*, 157.

³⁵ f. EMÍLIO J. MARTÍNEZ GONZÁLEZ, “*Mira, est en oración*” (Hch 9,11). San Pablo, orante cristiano”, *Revista de Espiritualidad* 67 (2008) 183.

anunciasse o evangelho, muito menos tal viria por três crianças³⁶. Esta mesma consciência conclui a revisão da sua própria biografia – a Irmã Lúcia – relendo toda a sua vida como sinal da potência de Deus, à semelhança de Paulo que se apresenta como o mais pecador e nascido como que de um aborto (cf. 1 Cor 15,8), do qual não se esperaria nunca que a palavra de Deus fosse anunciada. Isto mostra precisamente como Deus escolhe aquilo que não conta para confundir os fortes deste mundo. Só assim consegue mostrar a sua graça e que tudo é obra sua (“Deus escolheu o que é fraco aos olhos do mundo ... escolheu o que é vil e desprezível aos olhos do mundo, para que nenhuma criatura se possa gloriar diante dEle” 1 Cor 1,27). Nestes fracos a Irmã Lúcia inclui-se juntamente com os Pastorinhos³⁷.

A frequência dos títulos kerigmáticos paulinos “Senhor” e “Nosso Senhor” surge como património incontornável da fé, e ressalta à vista ao longo do comentário da Mensagem para chamar a atenção do lugar incontornável que Deus tem como criador e redentor, lugar esse que a fé é chamada a não esquecer mantendo Deus sempre na sua transcendência de “pantocrator” de 2 Cor 6,18. E verdade que o texto joanino é o mais usado, logo na introdução³⁸. Mas a espaços afloram temas e terminologia tipicamente paulinos. Tal como o apóstolo das gentes, a vidente carmelita convida a ver o mundo à luz da Sagrada Escritura constantemente citada. Este é o esforço da sua interpretação logo na primeira das quatro partes que constituem o seu comentário autorizado da Mensagem ao convidar a olhar o mundo sob o olhar de Deus, com os olhos de Deus³⁹. Sem dominar o rigor das técnicas rabínicas conhecidas e usadas por Paulo, a Irmã Lúcia apela a uma hermenêutica bíblica do mundo e da história, onde se insere naturalmente a Mensagem de Fátima.

Na segunda parte do seu comentário à Mensagem, a Irmã Lúcia aborda vários temas teológicos e da espiritualidade, ainda que não seja exaustiva. Várias dessas temáticas são introduzidas no Novo Testamento pelo peregrino de Damasco ao longo das suas cartas: as virtudes teologais (a fé: Gal 2-3), a esperança (Rom 8), a caridade (1 Cor 12-13), a parusia (cf. 1 Tes 4,11-5,13), a santidade (cf. Rom 6,19.22), o perdão (cf. Ef 1,7; Col 1,14), a eucaristia (cf. 1 Cor 10-11), a missão (cf. Gal 2,8; 1 Cor 9,2), o fim (cf. 2 Cor 11,15), em suma, o próprio Deus na sua Trindade – esse segredo de felicidade

“é aqui que está o segredo da felicidade, na terra como no céu: no Amor! Deus amou-nos e entregou-Se por nosso amor: diz o apóstolo S. Paulo. Deus ama-nos e por amor está nos nossos sacrários, esperando

a nossa humilde correspondência. E Deus está em nós, pois somos templos da adorável Trindade: ‘não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?’ (1 Cor 3,16)”⁴⁰.

A Irmã Lúcia insta a fé cristã a um recentramento cristológico e trinitário, à boa maneira paulina⁴¹. Nessa mesma linha repensa a antropologia teológica e o lugar do homem face a Deus. O ser humano é paulinamente espaço real da presença do Senhor, inabitado do Espírito. A pergunta retórica de Paulo é assumida para ajudar a tirar a corporeidade dos simples horizontes da imanência (“glorificai a Deus no vosso corpo”: 1 Cor 6,20)⁴². Marcado com a presença do Espírito, o homem, a criatura está voltada para a transcendência, vive no anelo da transcendência. É à luz deste horizonte maior, teológico e escatológico, que a vidente carmelita exorta a olhar a condição humana, o mesmo é dizer, a construir a antropologia. Continua desta maneira a leitura de Paulo, de S. Tomás de Aquino (*Summa Theologiae*, I, q.84,a.7), de S. Boaventura, dos grandes medievais desde Duns Scoto e de Rufino de Aquileia em que o homem é pensado como “capax Dei”⁴³. Sendo o homem capaz de Deus, aberto ao transcendente, daí resulta que a Irmã Lúcia recupere a exortação paulina na correspondência com a comunidade de Corinto: “assim como reproduzimos em nós a imagem do homem terreno, procuremos também reproduzir a imagem do homem celeste” (1 Cor 15,47-49) para alcançar o verdadeiro fim que ela reconhece à maneira de Paulo como o próprio Cristo⁴⁴. Este projecto é alcançável por todos, é destinado ele mesmo para ser anunciado a todos pois “todos somos filhos do mesmo Deus”. Esta afirmação mostra que a vidente carmelita tem bem presente o ensinamento paulino da Carta aos Efésios (“predestinou-nos para a filiação através de Jesus Cristo”)⁴⁵. Esta abrangência universal conota evidentes repercussões ecuménicas. Ninguém fica excluído.

A Mensagem é assim um desafio cordial da esperança. A terceira parte do segredo não é composta só pela visão do inferno, mas pelo anúncio positivo da verdade e da seriedade do amor, palavra tão actual culturalmente. No coração

³⁶ Como reconhece a IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem*, 15.

³⁷ IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem*, 25.

³⁸ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 19.

³⁹ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 23-44.

⁴⁰ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 26.

⁴¹ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 70.

⁴² Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 88.

⁴³ Este um legado que Duns Scoto transfere para a Idade Moderna ao reconhecer a compaignação da f com a razão, e dando razão aos teólogos que apresentam em filosofia este forte argumento asseverando-se como mais importante do que a filosofia natural: cf. MARIA MANUELA BRITO MARTINS, *La présence de la pensée augustinienne dans le Prologue de l'Ordinatio de Duns Scot*. In MARTÍN CARBAJO NÚÑEZ (a cura di), *Giovanni Duns Scoto Studi e ricerche nel VII Centenario della sua morte. In onore di P. César Saco Alarcón*, Roma 2008, 193. Este dado teológico foi retraduzido na antropologia transcendental de KARL RAHNER, *Hörer des Wortes (1941-1963)*, [= *Sämtliche Werke* 4], Freiburg 1997, 373-406.

⁴⁴ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 79.

⁴⁵ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 80.

da mensagem, sobretudo no ciclo angélico, surge a adoração eucarística e à Santíssima Trindade cuja confissão Paulo começa a delinear (cf. Rom 8,11-14).

A santidade é apresentada como anúncio e como proposta, não restrita a alguns mas a todos, mesmo desde criança. A Mensagem é positiva também neste ponto na medida em que a santidade é apresentada como possível, é universal, para todos, mesmo para crianças, é possível como no caso das duas primeiras crianças beatas não mártires em toda a história da Igreja. Isto poderá ser já uma mensagem de esperança, na medida em que apresenta a santidade ao alcance de todos e não apenas de alguns eleitos ou privilegiados. Apresentar os Pastorinhos como modelo de santidade acessível a todos será seguramente uma boa notícia, evangelho. A criança "Saulo" recém chegada à fé, há poucos anos (cerca de vinte quando escreve a segunda carta aos Coríntios) não se arroga a santidade, mas vive a santidade do próprio Deus (cf. 2 Cor 10-13). Também a ele o Deus santo chamou.

A actualidade da mensagem dos Pastorinhos ganha uma pertinência cultural muito grande com tudo isto enquanto repropõe uma nova (e sempre antiga) concepção de dependência filial trinitária contrária a uma certa cultura moderna enfaixada pela independência ou pela autonomia absolutizada. Tal como Paulo nos adverte que não temos nem possuímos tudo (indigentes da graça devido ao nosso pecado: cf. Rom 7,7-25), constituirá a Mensagem também uma crítica à visão e concepção antropológica de muita modernidade ou pós modernidade. Este torna-se um apelo incessante da Mensagem. Dizer isto ao nosso tempo é extremamente difícil, ainda que imprescindível, como já o foi para Paulo (cf. Act 17).

Na Mensagem surge em grande destaque igualmente a adoração da cruz. Fica assim advertida a necessidade de não a separar da Trindade. Ora, uma correcta teologia da cruz consegue precisamente evitar que se transforme o cristianismo numa ideologia. Esta é a consequência de um cristianismo sem cruz, ou melhor dito, de um cristianismo que pense ou proponha a existência cristã sem cruz. Isto tem evidentes consequências para o discurso teológico e para a própria prática da nova evangelização, pois obriga a não escamotear o evangelho. Este poderá ser um apelo da Mensagem: que a teologia da libertação seja novamente recolocada como horizonte hermenêutico do discurso teológico contemporâneo, no qual a linguagem da própria mensagem de Fátima poderá adquirir um lugar de relevo para veicular uma proposta libertadora da condição ilusória ou alienante quer de um futuro sem Deus quer de uma existência cristã que negue a sua condição mortal e a necessidade de a própria liberdade ser liberta, ser redimida. O apelo à fé com todo o radicalismo face à indiferença religiosa ou às violações da liberdade religiosa não pode nunca ser abandonado. Trata-se, portanto, de uma mensagem de esperança e

muito realista, que evidentemente pressupõe a coragem para nunca deixar de anunciar a verdade do evangelho na sua inteireza, afinal a nossa verdade.

A Mensagem então ajuda paulinamente o próprio discurso teológico e a Igreja a corrigir a derrapagem ideológica que enfatiza em demasia a glória ou a ressurreição. Do ponto de vista da cristologia, voltam a ganhar actualidade quer as figuras bíblicas do servo, quer as do Cristo sofredor e do Cristo crucificado de Paulo, escândalo para os gentios e loucura para os judeus (cf. 1 Cor 1,23). A Igreja não pode deixar de anunciar como Paulo o Cristo crucificado, gostem ou não do Cristo cercado de espinhos, gostem ou não do Cristo cujo coração é dilacerado. Essa é a nossa verdade e a verdade do amor de Deus. Não é a verdade abstracta que procura Pilatos, mas uma Pessoa.

Sendo a própria Mensagem comentada nos respectivos "apelos", a insistência no convite à penitência de maneira o mais forte possível com a tripla exclamação do anjo na terceira parte do segredo ("penitência, penitência, penitência")⁴⁶, perfeitamente em sintonia com as exigências evangélicas de entrar pela porta estreita (cf. Mt 7,13-14)⁴⁷, conota a Mensagem de Fátima de um evidente alcance moral e ético, horizontes que Paulo nos oferece na parte final das suas cartas também depois de lhe ser dado a *ver* teologicamente o mistério de Deus. Este apelo tem evidentes consequências espirituais e teológicas, pois constitui ele mesmo uma crítica ao deísmo da espiritualidade moderna de um Deus que parece não se deixar tocar ou influenciar por nós. Antes, o Deus da Mensagem também aprende e nós podemos ensiná-Lo porque ele deixa-nos tal tarefa respeitando a nossa liberdade e dando-nos o espaço do pleno exercício consciente e livre da mesma. No fundo, a Mensagem reverbera a ética paulina colocada entre a revelação e o estoicismo, reflexão ética cujo horizonte de valores aponta sempre para uma vida segundo o espírito e para o progressivo afastamento de uma vida catasárquica (cf. Gal 6-10), desafiando ao sacrifício e à oração oferecidos a Deus pela conversão dos pecadores⁴⁸. Para tal conseguir, a vidente carmelita repete o convite do anjo e da Senhora ao sacrifício. Isto significa desde o início que a Mensagem constitui um permanente desafio à liberdade que perante tão grande desafio é reconduzida à sua seriedade. A Mensagem exorta deste modo ao absoluto respeito da liberdade, porque sabe que ela não está nem condenada nem vergada a qualquer destino, mas pode ser redimida. Neste contexto, o esforço pelo mundo, a participação nos sofrimentos de Cristo a que Paulo também convida (cf. 2 Cor 1,5; Gal 5,24), permitem completar em nós o que falta à

⁴⁶ *Memórias da Irmã Lúcia* I, 214: a mesma advertência a Santa Bernadette em Lourdes.

⁴⁷ Cf. IRM LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima (Coimbra 1997)*, Fátima, Carmelo 2000, 149.

⁴⁸ Cf. IRM LÚCIA, *Como vejo a Mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, 48.

paixão de Cristo (cf. Col 1,24)⁴⁹. A Mensagem incita a apostar na liberdade humana, o que na sadia antropologia cristã representa a mais forte crítica a todos os determinismos quer das ideologias quer da profusão de espíritos que reinavam hoje a nossa pós modernidade. Mais uma vez, sem citar Paulo redilo por outras palavras ao convidar a tomar a cruz de cada um e dos outros ("suportai os fardos uns dos outros e deste modo cumprireis a lei de Cristo": Gal 6,2). Paulo é explicitamente citado em Col 1,24 no último livro da Irmã Lúcia⁵⁰ para mostrar a confiança inabalável na oração bem como apresentar a respectiva eficácia. A oração individual e comunitária, o esforço pessoal e comunitário de abnegação pelo mundo tem efeito, é salutar, produz vida, faz ressurgir a vida, é ressurreição. Logo não é inútil. Conseguem alterar o curso da história e fazer Deus reinabitar o mundo. O convite da Senhora relatado pela vidente é o mesmo convite de Paulo à oração e à vigilância (cf. I Tes 5,17), a completar em nós o que falta à paixão de Cristo.

Nas aparições de Pontevedra de 10-12-1925 e de Tuy em 13-06-1929 (ambas pertencentes ao chamado "ciclo cordimariano"), Lúcia descreve o mesmo Coração cercado de espinhos mas também como símbolo da "graça e misericórdia"⁵¹, afinal o mistério mesmo da Santíssima Trindade. Estas são as notas que são deixadas como palavra mais importante e final de toda a mensagem. A colocação do Imaculado Coração de Maria ao lado do sol dá então em Fátima uma mensagem materna de Deus, da qual o sol é o símbolo maior. Este sol ilumina a vida, purifica-a, é razão de esperança. O mesmo sol, a "luz vinda do céu" (Act 9,3; 22,6; 26,13) que encadeou Paulo a caminho de Damasco, dá esperança, é razão de esperança. Por isso, nós fomos "Spe salvi" (Rom 8,24), o que faz da Mensagem um evidente anúncio da misericórdia, dito paulinamente, da graça (cf. Rom 5,1-21) ou na visão dos Pastorinhos "a graça de Deus será o vosso conforto"⁵². Esta graça é figurada na luz também na terceira aparição:

"o que mais me impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois dizia: 'nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos'"⁵³

⁴⁹ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima* (Coimbra 1997), Fátima, Carmelo 2000, 89.

⁵⁰ IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem*, 22.

⁵¹ *Memórias da Irmã Lúcia* I, 197.194.

⁵² *Memórias da Irmã Lúcia* I, 162.

⁵³ Cf. *Memórias da Irmã Lúcia* I, 131.

Conclusão

A leitura paulina da Mensagem da Irmã Lúcia encontra com outras palavras a palavra do Evangelho, o mesmo evangelho que Paulo anuncia e pelo qual deu a vida. No ciclo angélico das aparições torna-se nítida a afirmação paulina da divindade de Jesus e do Espírito na adoração eucarística da Santíssima Trindade. Na primeira aparição do anjo ressurgem a simbólica paulina da antropologia do coração na aparição do coração de Jesus e de Maria⁵⁴, temática que regressará no ciclo cordimariano. O coração, sede do entendimento e das decisões no mundo semita, é aqui expressão a preservar evocando a sede do encontro com Deus do encontro com a misericórdia. A Mensagem convida paulinamente a um regresso às origens, a uma revisão de vida, ao encontro pessoal com o Senhor Deus da misericórdia ("Os corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia")⁵⁵. Este regresso visa sobretudo uma refontalização pessoal, uma empatia pessoal com o mistério de Deus para fazer a experiência da sublime natureza reparadora de Deus. O conceito de reparação é parte integrante da mensagem e da leitura encetada pela vidente carmelita. Também retraduz a temática paulina mais vasta da salvação. Neste sentido, é um conceito que permite reler Paulo e ler paulinamente a Mensagem de Fátima na qual surge de modo muito claro o Deus da reparação, isto é, o Deus que repara os nossos pecados vindo ao nosso encontro, mas também o Deus que deixa que sejamos nós a buscá-Lo e a reparar uma situação dilacerada pelo tempo e pelo pecado. A teologia da reparação constitui um horizonte de compreensão quer da imagem de Deus quer da missão do cristão no meio do mundo. Destas duas dimensões da teologia paulina a vidente carmelita não se esquece. O Deus que nos dá o seu próprio Filho no lugar da grande reparação que é a humanidade crucificada do Verbo (cf. Rom 3,23-25), e que vem agora substituir o grande lugar da reparação para Israel (o "kapporet" de Lev 16), é o mesmo Deus que nos convida a reparar com Ele as contas da história. Este é o Deus que "não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O à morte por todos nós" (Rom 8,32), para reparar a nossa condição do pecado.

O contexto de alguma desilusão e de esfacelamento que liga o mundo de Paulo aos inícios da pobre República no primeiro quartel do século XX em Portugal liga a mensagem apocalíptica de Paulo à mensagem de esperança da Mensagem da Irmã Lúcia e dos Pastorinhos. O homem ingrato dos últimos tempos, adverte Paulo ao seu grande companheiro Timóteo, será um homem sem graça, desgraçado, ἀχάριτος (cf. 2 Tim 3,2; Sir 16,29; 18,18; 20,19; 29,16.25;

⁵⁴ Cf. *Memórias da Irmã Lúcia* I, 62-63.

⁵⁵ *Memórias da Irmã Lúcia* I, 156.

4 Mac 9,10) que ama "mais a vanglória do que o próprio Deus" (2 Tim 3,4). Este é o homem que esquece o seu salvador. Precisamente por isto, numa outra época crítica da história – nos alvares da Renascença - nos séculos XIV e XV desenvolveu-se na espiritualidade a contemplação da paixão do Senhor Jesus, enquanto que nos séculos seguintes, sobretudo em França, assistiu-se a uma grande difusão da oração mental e da adoração reparadora do Santíssimo Sacramento, tornando-se esta um meio para exprimir a comunhão dos santos em que vivemos, o que significa que a liberdade humana pode contribuir para uma colaboração com a graça. Isto representa uma visível mensagem de esperança. Neste contexto, a própria eucaristia será tridentinamente apresentada como um "verum et proprium sacrificium" (DS 1751). Reparar possibilita assim olhar para a eucaristia como sacrifício (pelo menos de um certo modo), bem como para a intercessão mariana como uma colaboração na obra redentora. Esta teologia alargará a sua hermenêutica à oração e à moral cristã, sobretudo na óptica da ascese. A própria oração do Pai Nosso em todas as suas petições e a eucaristia assim vivida surgem como espaços de reparação. É assim coerente ao nível da fé e da nossa condição humana a reparação oferecida a Cristo posteriormente ao seu acto redentor em qualquer tempo, perante qualquer circunstância de apostasia (cf. 2 Tes 2,3-4).

Esta teologia da reparação surge inscrita na teologia paulina da entrega de Cristo, da doação de Cristo pelo Pai no seio da raiz do verbo "paradidômi" (entregar). Sendo a reparação um acto de amor, então Cristo pode ser exposto por escrito (cf. Gal 3,1) como a reparação de Deus, a qual por sua vez relê sacerdotalmente a reparação do "kappôret". O próprio Cristo repara os nossos pecados (cf. Gal 2,20 "já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim; o que agora vivo na carne, vivo na fé do Filho de Deus, naquele que me amou e se entregou por mim"). Esta confissão de Paulo liga o querigma ao evangelho do próprio Jesus. O acolhimento do Filho dado pelo Pai descobre que, como refere Édouard Glotin, na consciência pré-pascal de Jesus há lugar para o conhecimento pessoal dos redimidos e para a reparação dos irmãos⁵⁶ na totalidade do seu ser, da sua pessoa. É esta totalidade que permite olhar para a reparação como um acto absolutamente humano, e como tal integra todas as dimensões da pessoa que não só o sofrimento ou o domínio da oferta do sofrimento. A reparação pode por isto tornar-se uma confissão da fé em tempos de inverno da mesma, pode ser traduzido no perdão perante uma ofensa grave ou diante da perseguição, pode ser o reconhecimento inabalável de Deus em tempos de ateísmo ou de indiferença (como são os de Paulo), ou o respeito pela vida face ao desrespeito pela mesma, o empenho pelo ecumenismo perante a divisão persistente dos cristãos, a própria oração em tempos de indiferença

e de desatenção a Deus, o sacrifício ritual ou até do tempo perante a pressa e perante a individualização subjectivizante do acto de fé, e o voluntariado social perante tanta desumanização. Tudo isto são formas de reparação do reino que poderão continuar o desafio da Mensagem à reparação do pecado do mundo e dos pobres pecadores que nós somos.

José Carlos Carvalho

⁵⁶ Cf. ÉDOUARD GLOTTIN, "Réparation", *DSp* XIII (1988) 410.